

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**NAGEANE JORGE FARIAS**

**REFLEXÕES SOBRE A MOTRICIDADE DOS INDÍGENAS E DOS  
BANDEIRANTES**

NAGEANE JORGE FARIAS

**REFLEXÕES SOBRE A MOTRICIDADE DOS INDÍGENAS E DOS  
BANDEIRANTES**

Trabalho de Graduação, apresentado à  
Universidade Federal da Grande Dourados -  
UFGD, como parte das exigências para a  
obtenção do título de licenciatura em  
Educação Física.

Dourados-MS

2017

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).**

F224r Farias, Nageane Jorge

REFLEXÕES SOBRE A MOTRICIDADE DOS INDÍGENAS E DOS  
BANDEIRANTES / Nageane Jorge Farias -- Dourados: UFGD, 2017.

19f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Marina Vinha

TCC (Graduação em Educação Física) - Faculdade de Educação,  
Universidade Federal da Grande Dourados.

Inclui bibliografia

1. Brasil. 2. Livro Didático. 3. Caminhada. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

NAGEANE JORGE FARIAS

**REFLEXÕES SOBRE A MOTRICIDADE DOS INDÍGENAS E DOS  
BANDEIRANTES**


Relatório final, apresentado à Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD, como parte das exigências para a obtenção do título de licenciatura em Educação Física.

Dourados, 23 de maio de 2017.

BANCA EXAMINADORA



Prof<sup>a</sup>Dr<sup>a</sup> Marina Vinha  
Universidade Federal da Grande Dourados



Prof. Dr Manoel Pacheco Neto  
Universidade Federal da Grande Dourados



Prof<sup>a</sup> Ms. Vivian Iwamoto  
Universidade Federal da Grande Dourados

## REFLEXÕES SOBRE A MOTRICIDADE DOS INDÍGENAS E DOS BANDEIRANTES<sup>1</sup>

Nageane Jorge Farias<sup>2</sup>

Marina Vinha<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente trabalho tem por objetivo analisar as reflexões acerca da motricidade dos indígenas e dos bandeirantes no Brasil colonial, presente na bibliografia e em um livro didático de História, publicado em 2015. A pesquisa é do tipo bibliográfica e a metodologia seguiu os seguintes passos: a) seleção da literatura de apoio; b) seleção de um livro didático em uso nas escolas públicas e do capítulo voltado para o tema em estudo; c) fichamento do material estudado; e d) escrita do texto. O referencial teórico foi pautado nos estudos acerca da motricidade indígena e bandeirante, vindos de Pacheco Neto (2008), nas abordagens sobre as caminhadas, em Holanda (1976); e em elementos descritos por Gallahue e Ozmun (2005). Nas considerações finais foi apontado o esforço físico na realização das caminhadas e a ausência de informações reflexivas no livro didático de História do 8º ano do Ensino Fundamental, adotado pela rede estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul.

**Palavras chave:** Brasil. Livro didático. Caminhada.

**ABSTRACT:** The present work has the objective of analyzing the reflections about the motricity of the indians and the bandeirantes in colonial Brazil, present in the bibliographie and in a didactic book of History, published in 2015. The research is of the bibliographic type and the methodology followed the following steps: a) selection of supporting literature; b) selection of a textbook in use in public schools and the chapter on the theme under study; c) registration of the studied material; and d) writing the text. The theoretical reference was based on the studies about the indigenous and bandeirante motricity, coming from Pacheco Neto (2008), in the approaches on the walks; in holland (1976); and contextual elements described by Gallahue and Ozmun (2005). In the final considerations, it was pointed out the physical effort in the accomplishment of the walks and the absence of reflective information in the didactic book of History of the 8th year of Basic Education, adopted by the state network of Education of Mato Grosso do Sul.

**Keywords:** Brazil. Textbook. Walking

---

<sup>1</sup>A pesquisa PIBIC gerou o texto "A motricidade de índios e bandeirantes nos livros didáticos publicados de 1984 a 2014", publicado em: <<http://congressodeeducacaoufgd.com.br/arquivos/113.pdf>>, com autoria de Farias e Pacheco Neto (2015)

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de Educação Física, da Faculdade de Educação (FAED).

<sup>3</sup> Professora Doutora orientadora, curso de Educação Física FAED/UFGD.

## INTRODUÇÃO

Este estudo é continuidade do tema pesquisado no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), no período de julho/2014 a junho/2015, por uma das autoras - Nageane Jorge Farias -, sob orientação do Prof. Dr. Manoel Pacheco Neto, agora com foco em um livro didático, explicitado logo mais neste trabalho.

A motivação para a retomada da pesquisa, agora elaborando reflexões acerca da motricidade dos indígenas e dos bandeirantes, veio por meio do interesse em enriquecer o tema, visto sua amplitude e significado. Se no texto PIBIC (2015), foi desenvolvido o tema “A motricidade de índios e bandeirantes nos livros didáticos publicados de 1984 a 2014”, no presente artigo o tema desenvolvido trata das reflexões acerca da motricidade dos indígenas e dos bandeirantes, a partir da análise de um livro didático, utilizado na rede pública de Dourados, publicado no ano de 2015.

Frente ao contexto, o objetivo deste estudo é o de refletir acerca da motricidade destes agentes históricos, tendo como referência o capítulo 4 “O Brasil holandês e os quilombos de Palmares”, do livro didático “História.doc – 8º ano”, publicado pela Editora Saraiva e adotado nas escolas públicas estaduais do município de Dourados-MS.

Os objetivos específicos são: a) contribuir para a construção da criticidade na compreensão da história do Brasil; b) evidenciar as especificidades referentes à caminhada dos indígenas e bandeirantes; e c) elaborar reflexões a partir do capítulo selecionado no livro ‘História.doc’, direcionado para o 8º ano do Ensino Fundamental, na rede estadual de ensino de Mato Grosso do Sul.

A relevância da continuidade deste estudo consiste em promover reflexões sobre a caminhada destes dois segmentos, um populacional - os indígenas -, e o outro de representantes institucionais – os bandeirantes. Ambos marcaram a história brasileira. Quanto ao meio acadêmico, o presente estudo se faz importante quanto ao fato de refletir acerca do desempenho motriz, com ênfase na habilidade de locomoção, ou seja, a caminhada desses agentes históricos e como são apresentados em livro didático.

O deslocamento humano é denominado no jargão da área de Educação Física ‘locomoção’<sup>4</sup>. Segundo Gallahue e Ozmun (2005, p. 252) a habilidade de locomoção

---

<sup>4</sup> Manipulação e Equilibração são outras duas categorias específicas do movimento humano, além da locomoção. A locomoção pode se dar com a manipulação de algum objeto. De acordo com Gallahue e Ozmun (2005), os movimentos de manipulação envolvem o uso de um objeto. A grande maioria dos movimentos envolve equilíbrio, proporcionada através do equilíbrio.

“envolve a projeção do corpo no espaço externo, alterando sua localização relativamente a pontos fixos da superfície”.

O tema pode ser problematizado com a seguinte pergunta: “O que leva os seres humanos a atribuírem significados diferentes à caminhada, enquanto habilidade motora de locomoção?”.

Estima-se que antes da chegada de Pedro Álvares Cabral, pelo menos 5 milhões de nativos habitavam estas terras. Segundo a Lei nº 6.001/1973, também conhecida como “Estatuto do Índio” (BRASIL, 1973, p.2), índio ou silvícola “é todo indivíduo de origem e ascendência pré-colombiana que se identifica e é identificado como pertencente a um grupo étnico cujas características culturais o distinguem da sociedade nacional”. Os indígenas geralmente habitam comunidades, entendidas como “conjunto de famílias ou comunidades indígenas”, vivendo em isolamento em relação a outras sociedades ou mantendo contatos intermitentes ou permanentes.

Outro segmento institucional em estudo, os bandeirantes, refere-se a um termo que designa um grupo composto apenas por homens, os quais formavam expedições nos séculos XVI e XVII, financiados por particulares, principalmente paulistas. Atuavam em três frentes: captura de negros fugitivos, aprisionamento de indígenas e procura de pedras e metais preciosos no interior do Brasil (ISA, 2015). Andavam armados e usavam de violência nas capturas (MONTEIRO, 2004).

O referencial teórico que fundamenta o presente estudo está pautado nos estudos acerca da motricidade indígena e bandeirante, vindos de Pacheco Neto (2008), nas abordagens sobre as caminhadas, em Holanda (1976); e em elementos contextuais descritos por Gallahue e Ozmun (2005). Outros autores também contribuíram para a organização deste trabalho e estão citados na bibliografia.

A pesquisa é do tipo bibliográfica. Este tipo de pesquisa é realizada com o material vindo do “[...] levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites.” (FONSECA, 2002, p. 32)

No presente estudo foi utilizada a pesquisa científica fundamentada na pesquisa bibliográfica, portanto, com dados já publicados em livros. A metodologia seguiu os seguintes passos: a) seleção da literatura de apoio; b) seleção de um livro didático em uso nas escolas públicas e do capítulo voltado para o tema em estudo; c) fichamento do material estudado; e d) escrita do texto.

## OLHARES CRÍTICOS SOBRE A HISTÓRIA DO BRASIL - CAMINHADA

Motricidade é o estudo dos movimentos e uma das áreas que a estuda é o campo de conhecimento da Educação Física. A capacidade humana de se mover permite respostas adaptativas ao ambiente. Tal fato implica na orientação da atenção para o meio ambiente, de forma que o ser humano fica mais atento no percurso do que nos movimentos propriamente ditos. No entanto, são também por meio dos movimentos que nos comunicamos e nos relacionamos com o ambiente e as pessoas que nos rodeiam. Quando na infância, os humanos se valem, prioritariamente, da atividade motora para percorrerem o trajeto de desenvolvimento físico, cognitivo e afetivo realizado via adaptações sucessivas, cujas complexidades são progressivas. (OLIVEIRA, 1975)

Segundo Vaughan et al. (1996 apud DAVID; ÁVILA, 2001, p. 5) o “andar é uma das principais habilidades do indivíduo e, apesar de sua complexidade, este se caracteriza por movimentos suaves, regulares e repetitivos [...]”. A caminhada é constitutiva do andar humano. O andar implica em deslocamentos significativos, os quais atribuem sentido à caminhada. Ao atribuir significado à locomoção humana, com destaque para o andar, os humanos apresentam diversidades, as quais podem estar fundamentadas na cultura, em algum objetivo proposto, ou de fundo religioso com ligação entre mundos, dentre outros. Mauss (2003) descreve sobre o ato da caminhada e a denomina ‘técnica corporal’, por diferenciar-se conforme a cultura.

O *habitus* do corpo em pé ao andar, respiração, ritmo da marcha, balanceio dos punhos, dos cotovelos, progressão do tronco adiante do corpo ou por avanço alternado dos dois lados do corpo. Pés para fora, pés para dentro. Extensão da perna. Zombam do “passo de ganso”. É o meio de o exército alemão obter o máximo de extensão da perna, dado que a maioria dos homens do norte, de pernas compridas, gosta de dar o passo mais longo possível. Na falta desses exercícios, um grande número de nós, na França, fica cambaio, em maior ou menor grau, do joelho (MAUSS, 2003, p. 416).

O autor, com sua descrição acerca do ato de caminhar, nos apresenta que tal ação não é ‘natural’, mas adquirida conforme a cultura ou com o propósito de um segmento social. Em todos os casos, o caminhar depende de técnicas corporais empregadas conforme o objetivo sociocultural.

Nos subtítulos a seguir, estão destacadas as ausências destas abordagens no livro didático em estudo. Lamentavelmente, a falta de informação leva os estudantes do Ensino



Fundamental à ausência de conhecimento sobre o tema e, conseqüentemente, deixando de valorizar estes dois segmentos da história do Brasil.

### **CAMINHADA: BANDEIRANTES E INDÍGENAS**

Submetida aos interesses e objetivos de cada sociedade ou circunstância, a caminhada adotada por bandeirantes e indígenas, em determinado período histórico requer registros. Um dos exemplos são os estudos de Pacheco Neto (2008; 2011) e Farias e Pacheco Neto (2015). O histórico dos bandeirantes tem início na fundação da ‘Vila de São Vicente’, em São Paulo, por volta de 1532, marco inicial para a colonização do Brasil. Localizada no litoral, o núcleo populacional era voltado para o abastecimento e comércio de Portugal. A produção da cana-de-açúcar já se mostrava uma ótima fonte de renda e seu comércio prosperava (PACHECO NETO, 2008).

Passados aproximadamente 20 anos, em 1553, foi fundada a ‘Vila de Piratininga’ pelos jesuítas Manuel da Nóbrega e José da Anchieta, após a transposição da Serra do Mar - obstáculo natural que dividia São Paulo do interior. A partir desse povoamento “surgiria a figura do sertanista, que viria a adentrar as matas visando apresar índios para [...] escravizá-los [...] e, posteriormente, [...] comercializá-los” (PACHECO NETO, 2008).

A existência dessas duas vilas é essencial para entender o surgimento do ‘movimento bandeirante’. A Vila de São Vicente tinha suas necessidades básicas supridas devido à navegação mercantil estabelecida com Portugal, resultante da cultura canavieira; enquanto a Vila de Piratininga, logo de início se deparou com dificuldades, pois seus habitantes se encontravam mais afastados da orla marítima, usufruindo tão pouco dos benefícios da mesma. Assim, o litoral apresentava demanda para produzir os próprios tecidos, as construções para embarcação e a produção da agricultura de subsistência. Todo esse contexto levou os habitantes da orla a buscarem a captura dos indígenas para suprir a mão de obra, no formato do trabalho escravo, segundo Farias e Pacheco Neto (2015).

Pacheco Neto (2008) ainda menciona que a Vila de São Vicente ficou marcada por ‘paulistas’ que, por terem necessidades básicas saciadas, se fixaram na região, tornando-se um povoado mais sedentário; enquanto que os habitantes da Vila de Piratininga, por habitarem locais mais afastados do litoral, precisavam se deslocar em busca de meios para sobreviverem. Estavam, portanto, mais propensos ao movimento e foi esta busca por sobrevivência que originou o movimento sertanista.

Os ‘paulistas’ eram também chamados de ‘sampaulistas’ ou ‘planautistas’ no século XVII. Os ‘bandeirantes’ eram homens que costumavam andar descalços, mato adentro, em busca de indígenas para trabalho escravo nas lavouras e no garimpo de pedras preciosas, Segundo Pacheco Neto (2008), estes homens não possuíam equipamentos apropriados para embrenhar-se em caminhadas tão longas, trajavam-se como maltrapilhos, carregando seus próprios apetrechos. Atuaram durante o Brasil-colônia, no começo do século XVII até meados do século XVIII. As expedições surgiram na sociedade que se formou em Piratininga e partiam, Brasil adentro, rumo oeste (PACHECO NETO, 2008).

Como dito anteriormente, um dos primeiros obstáculos físicos enfrentados pelos paulistas da Vila de Piratininga, foi a Serra do Mar, localizada em São Paulo. Este imenso obstáculo natural impediu o deslocamento do grupo por via terrestre e a pé, durante duas décadas. O grupo de paulistas objetivava adentrar o interior do Brasil, partindo de São Paulo, mas devido à dificuldade em transpor aquela região serrana, muitos homens acabaram se ferindo (RICARDO, 1942, apud PACHECO NETO, 2008).

Ricardo (1942 apud PACHECO NETO, 2008, p. 45) descreveu a dificuldade encontrada para transpor a serra explicando que “[...] subia o pessoal agarrando em raiz de árvore, machucando os joelhos em pedra e correndo o risco de rolar pela ribanceira”. Confirmando tal desafio, Volpato (1986 apud PACHECO NETO, 2008, p. 45) registrou que “[...] íngreme (a Serra do Mar), cheia de despenhadeiros<sup>5</sup>, de acesso tão difícil que os caminhantes tinham de marchar agarrando-se aos arbustos. A montanha impunha-se quase como uma ‘muralha’ a impedir a penetração pelo interior”.

A expressão ‘marchar’ corresponde ao andar em grupo, de forma que o deslocamento seja com passadas quase sincronizadas. Sobre as condições naturais encontradas pelos paulistas, Pacheco Neto (2008) argumenta que, no caso do despenhadeiro, os arbustos ajudavam na frenagem das pessoas, para que elas não caíssem morro abaixo ou para amenizar as quedas. Por outro lado, as subidas só eram realizadas com apoio dos braços agarrados às raízes. Joelhos, cartilagens e pele sofriam uma demanda extra, que debilitava os corpos, retardando o percurso de transposição da Serra.

Os relatos acerca das dificuldades humanas para locomoção no chão da Serra do Mar nos leva a compreender que a transposição da mesma exigiu daqueles homens imensurável desempenho motor, com demandas para o corpo de forma geral (PACHECO NETO, 2008).

---

<sup>5</sup> Lugar extremamente alto e de difícil acesso.

Com a transposição da Serra do Mar, os ‘planaltistas’ se viram diante do dilema de adentrar o sertão em busca de meios para suprir suas necessidades básicas, sendo assim, os mesmos se organizavam em grupos e saíam em busca de mão-de-obra escrava de minerais preciosos. A aparente floresta intocada escondia trilhas rudes, as quais levavam aqueles homens para dentro do emaranhado vegetal, avançando e entrecruzando-se rumo ao sertão e à orla oceânica. Assim, nem sempre os ‘bandeirantes’ andavam por lugares já percorridos por outros humanos. Eles utilizavam as trilhas, e muitas vezes estas trilhas foram formadas por animais e, não raro, pelo percurso de indígenas (HOLANDA, 1986).

Os registros mostram que a expansão das bandeiras foi auxiliada em grande parte por práticas de caminhadas exercidas por homens nativos. Os indígenas utilizam tais caminhos para se locomoverem e irem em busca de água, caça, coleta de frutos e ainda usufruíam das mesmas para chegarem às aldeias vizinhas. Sendo assim, Holanda (1957) escreve que, antes mesmo dos portugueses chegarem ao nosso continente, muitos pés já haviam palmilhado estas terras, andado por entre as matas. Diante da gigantesca floresta o autor relatou:

Desses índios sabemos, por mais de uma referência, principalmente das atas da Câmara paulistana, que eram andantes e sem pouso. Muito caminho pisado mais tarde pelas bandeiras foi aberto e trilhado inicialmente por eles, e assim terão contribuído para marcar de modo definitivo a fisionomia da terra onde vagaram (HOLANDA, 1957, p. 33).

É importante evidenciar que nem todos os homens que transpuseram a Serra eram ‘bandeirantes’, mas todos que compuseram a primeira ‘expedição bandeirante’ – e deram assim início às ‘bandeiras’ – tiveram que ultrapassá-la. Aqueles homens eram pessoas comuns, no sentido de que não receberam qualquer treinamento, visando adquirir ‘condicionamento físico’<sup>6</sup> diferenciado.

Quem eram aqueles homens? Pacheco Neto (2008, p. 47) explica que “eram migrantes vicentinos, não heróis, não bandeirantes”. Vicentinos era uma denominação de pessoas que habitavam a Vila de São Vicente – SP. Portanto, “eram indivíduos que deixavam para trás o *caranguejar no litoral* – no conhecido dizer de frei Vicente de Salvador -, buscando os cumes da penedia<sup>7</sup> imponente”. Aqueles homens podem ser considerados “inusitados *alpinistas*

<sup>6</sup> Capacidade do coração, vasos sanguíneos, pulmões e músculos resistirem às tarefas diárias e ocasionais, assim como os desafios físicos inesperados, com um mínimo de cansaço e desconforto (SOARES, 2009).

<sup>7</sup> Conjunto de rochas cujo tamanho é significativamente grande.

coloniais, desprovidos de acessórios que lhes conferisse maior segurança na escalada, confiando unicamente na força<sup>8</sup> e destreza<sup>9</sup> de seus braços e pernas”.

As expedições eram impregnadas de movimentos. Era preciso movimentar para sobreviver. Os integrantes da ‘Vila de Piratininga’ não tinham comunicação direta com São Paulo, além de atuarem desprovidos de suprimentos para as necessidades básicas. Não dispunham também de ‘escravos<sup>10</sup>’ para o trabalho de confecção dos alimentos e organização dos espaços de pouso e descanso. A proposta da expedição era a de “entranharem-se” pelo interior do país (PACHECO NETO, 2008).

Holanda (1986) registrou fatos sobre o objetivo desta rude mobilidade a pé, protagonizada por tais homens, mas idealizada pelos senhores da corte. O autor retrata tal objetivo da seguinte forma:

A mobilidade maior dos de São Paulo é provocada largamente pela insuficiência dos recursos disponíveis para a sustentação do ideal comum de estabilidade. Apartados das grandes linhas naturais de comunicação com o reino e sem condições para desenvolver de imediato um tipo de economia extrovertida, que torne compensadora a introdução de africanos, devem contentar-se com as possibilidades mais modestas que proporciona o nativo, “negro” da terra como sem malícia costumam dizer, e é para ir buscá-lo que correm o sertão (HOLANDA, 1986, p. 14).

A inexistência de tecnologia e a mão de obra humana escassa moveram os governantes daquele período de reinado, a submeter grande parte dos seus homens à caminhada desumana. O ‘negro da terra’, codinome dado aos indígenas naquele período, era o alvo ou a presa a ser caçada, a serviço da obtenção de lucro vindo do meio rural, proporcionando conforto para os senhores da nobreza real.

Foi antes de tudo a vontade de corrigir os efeitos da carência de mão-de-obra para a faina rural o que fomentou muitos episódios próprios da sociedade do planalto (HOLANDA, 1986, p. 26).

Assim, os ‘paulistas’, componentes das chamadas ‘bandeiras’, saíram em busca de escravos para realizarem o trabalho pesado de subsistência, eles próprios agindo ingenuamente sob o jogo de poder de seus governantes, caçadores de usufrutos para os poderosos.

<sup>8</sup>Habilidade que permite um músculo ou grupo de músculos produzir uma tensão e vencer ou igualar-se a uma resistência na ação de empurrar, tracionar ou elevar.

<sup>9</sup>Pessoa hábil, que consegue realizar funções com perícia, aptidão, agilidade e rapidez. (HOLANDA, 1975)

<sup>10</sup> Pessoa aprisionada com obrigações de servir ao seu senhor. Durante o período em que ocorreram as expedições bandeirantes, ainda existia escravidão, visto que a mesma só foi abolida no Brasil em 1988, através da Lei Áurea.

Há registros de Holanda (1986) explicando que o percurso das caminhadas alcançava mais de 10 mil quilômetros. Eram realizadas por bandeirantes e por indígenas, pois ao caçarem, caçador e presa se igualavam em condições sub-humanas. Além das extensas caminhadas, havia as barreiras impostas pelas matas, tais como: troncos de árvores, galhadas, cipós, dentre outros. Os sinais físicos como a exaustão dos corpos, o cansaço, a fome, a sede, as relações de subjugação entre eles, e os homens com lesões causadas pelos desafios do ambiente já compunham o contexto do grupo. Muitos não sobreviviam, seus corpos ficavam pelo caminho, suas identidades silenciadas. Todos eram apenas ‘os paulistas planautistas’. Todo este percurso a pé, realizado pelos bandeirantes, foi pouco ou nada estudado. Há inclusive menções de que tais caminhadas eram rotineiras.

O ato de caminhar está presente na vida dos indígenas desde sempre, pois precisam estar em constante movimento para sobreviverem e, em seus modos de vida, não havia os deslocamentos a cavalo<sup>11</sup> ou alguma tecnologia que os transportasse de um local a outro.

Sendo assim, por entre as copas das árvores, em meio às florestas, formava-se um emaranhado de caminhos percorridos por indígenas para a caça ou coleta de alimentos. Sobre a vida dos silvícolas, Pacheco Neto descreve:

Furtiva e vigilante, mas sobretudo constante, a intensa movimentação do homem natural da terra era indispensável para a manutenção da vida no ambiente selvagem. Destarte, por serem então imprescindíveis à sobrevivência, o movimento e a atividade física dos índios abriram picadas nas matas ínvias da América, formando uma rede de galerias rudimentares sob as copas das árvores. O cotidiano indígena, então ainda intocado pelo europeu, configurava o antípoda do sedentarismo (PACHECO NETO, 2008, p. 60).

Como citado acima, a realidade indígena era naturalmente adversa ao sedentarismo e, por viverem em constante movimento, caminhando por extensos quilômetros, os indígenas adquiriram técnicas ao longo da vida “para desenvolver uma pisadura singular, que diminuía os efeitos provenientes da exaustão muscular e dos excessos causados às articulações dos pés”. (PACHECO NETO, p. 60)

Em comparação aos bandeirantes, os indígenas apresentavam certa vantagem durante as caminhadas por conta das técnicas que possuíam. Com estas técnicas poupavam energia, eram mais resistentes, sofriam menos com pouco desgaste corporal. Mesmo porque os

---

<sup>11</sup>No Brasil há apenas um grupo indígena que fez uso do cavalo para se deslocar. São os ‘Guaicuru’ ou ‘Kadiwéu’, nos dois últimos séculos habitantes na região do Pantanal de MS (VINHA, 1999).

deslocamentos indígenas visavam o ‘bem viver’ comunitário, salvo quando caçados por não indígenas.

Alguns indígenas já inseridos no contexto no colonizador, ajudavam os bandeirantes na captura de outros nativos, seus iguais. Esta condição possibilitava transmitir aos bandeirantes os conhecimentos e técnicas sobre a caminhada e como sobreviver na floresta. Muitos destes bandeirantes sobreviveram às longas expedições por conta de tais técnicas. Mais do que a forma de caminhar nas matas e nos ambientes inóspitos, os indígenas indicavam como encontrar água e alimento.

A possibilidade de ficar sem água em suas incursões era uma das grandes preocupações dos bandeirantes. Valendo-se da habilidade indígena, muitos paulistas foram poupados de morrer de sede [...]. [...] os bandeirantes assimilaram ensinamentos valiosíssimos provindos dos índios (PACHECO NETO, 2008, p.64).

Um desses ensinamentos valiosos foi a de como e onde adquirir a ingestão de frutose, extraída do mel. Naquela imensa floresta, os indígenas conseguiam encontrar as colmeias para se servirem do mel<sup>12</sup>, alimento este que contribuiu para a manutenção da energia física dos sertanistas. A localização das colmeias e a extração do mel exigiam dos nativos uma atividade corpórea de muita destreza e agilidade, regularmente praticada por eles. Sobre a alimentação destes viajantes, Pacheco Neto acrescenta:

Além do mel, os índios ensinaram os bandeirantes a consumir uma grande diversidade de gêneros vegetais e animais. Insetos, vermes e raízes faziam parte dessa dieta, esdrúxula aos olhos dos europeus. Para sobreviver no sertão, os paulistas foram se ajustando aos hábitos alimentares indígenas (PACHECO NETO, 2008, p. 68-69).

As narrativas acerca da caminhada, enquanto percurso humano e suas dificuldades físico-corpóreas no período das bandeiras remete também à diversidade de significados que a envolve, conforme os segmentos que dela fazem uso. Sendo assim, o Quadro 1, mostra alguns significados das caminhadas.

---

<sup>12</sup> Composto por calorias, carboidratos, cálcio, ferro e vitamina C, segundo a Tabela Brasileira de Composição de Alimentos (LIMA, 2006).

**Quadro 1.** Significados atribuídos à caminhada - Holanda (1976) e Pacheco Neto (2008).

Segmento	Significados dados às caminhada
Indígenas	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Busca por água, comida ou para chegar a outras aldeias.</li> <li>• Busca por uma terra para fixar moradia.</li> <li>• Dominavam determinadas técnicas para caminhadas inóspitas.</li> <li>• Construíram caminhos entre as matas, que eram seus domínios.</li> <li>• Velocidade e resistência, característica conquistadas por meio de caminhadas rotineiras.</li> <li>• Utilizavam alguns equipamentos artesanais para auxiliar nas caminhadas em busca de caça e pesca.</li> <li>• Caminhavam para poder se comunicar com outras comunidades;</li> <li>• Caminhavam para sobreviver na natureza e, posteriormente, para fugir dos bandeirantes.</li> </ul>
Bandeirantes	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Caminhavam em busca de indígenas para mão-de-obra escrava.</li> <li>• Não possuíam recursos ou técnicas.</li> <li>• Não conheciam a floresta do sertão daquele período.</li> <li>• Não tinham preparo físico que facilitasse as caminhadas.</li> </ul>

A partir deste Quadro, é possível observar a relação que o bandeirante teve para com a caminhada. Os interesses materiais do não indígena frente à frente com os nativos que só buscavam sobreviver em meio mata virgem.

## REFLEXÕES: LIVRO DE HISTÓRIA PARA O 8º ANO

O livro didático é a fonte mais utilizada atualmente como mediador de conhecimento com os alunos. Para o professor/a o livro mostra ser detentor de um conhecimento estável, ao alcance das mãos para ser decifrado e transmitido aos alunos, segundo Souza (1999).

[...] O livro didático tem sido, tradicionalmente, o principal mediador no ensino promovido pela instituição-escola. Ele costuma ser, quase que exclusivamente, a principal fonte de material didático utilizado por professores (SOUZA, 1999, p. 94).

Gérard e Roegiers (1998, p. 19), definem o livro didático como “um instrumento impresso, intencionalmente estruturado para se inscrever num processo de aprendizagem, com o fim de lhe melhorar a eficácia”. Os livros didáticos proporcionam vantagens quanto ao ensino, pois apresentam, de forma resumida e organizada, os conteúdos a serem trabalhados em sala de aula, tornando-se assim, um facilitador do trabalho dos professores.

Vasconcelos & Souto (2003, p. 96) ainda ressaltam que “[...] os livros didáticos devem promover o contato do aluno com o conhecimento disponível, possibilitando a compreensão

da realidade que o cerca”. Independente de fatores positivos, o livro só se concretiza enquanto conhecimento se o professor souber fazer uso dele, assim como aplicado critérios para escolher o mais apropriado para o nível de escolaridade dos alunos. A respeito disso, Romanatto (2004) nos diz que “[...] o livro didático, como qualquer outro recurso, tem sua importância condicionada ao uso que o professor dele faça”. Assim sendo, cabe ao docente não somente usar de modo correto, mas também saber “explorá-lo em função dos objetivos a alcançar, sabendo enfatizar os seus pontos fortes e anular os seus pontos fracos [...]”.

No presente estudo, foi selecionado um livro didático de História, utilizado atualmente nas escolas da rede pública da cidade de Dourados-MS, denominado “História.doc – 8º ano”, escrito por Vainfas<sup>13</sup> et al., em 2015. O livro está organizado em 18 capítulos e foi publicado pela editora Saraiva. A opção por selecionar este livro do 8º ano, do Ensino Fundamental, está no fato de que, neste nível de escolaridade, os alunos estudam história do Brasil Colônia – em destaque neste trabalho. O motivo para escolha do referido livro vem da pesquisa realizada no PIBIC, pois ainda não havia sido analisado nenhuma publicação referente a 2015. Dentre a totalidade do livro, apenas um capítulo é dedicado aos bandeirantes e à relação com os indígenas daquele período. Há duas ilustrações que buscam retratar como eram as expedições e seus respectivos componentes.

Quanto ao texto, restrito a apenas uma página e meia, os autores registram que as ‘bandeiras’ saíam à procura de ‘indígenas’ para escravizá-los e à procura de pedras preciosas. Destacam que o foco principal dado às ‘missões bandeirantes’ foi o de ‘expandir o território do Brasil’. Não há referência alguma quanto às distâncias percorridas ou quanto às dificuldades por eles encontradas. O texto é também incipiente quanto aos demais dados acerca da situação política do referido período histórico.

Sobre as condições de realização desse processo, envolvendo bandeirantes e indígenas, ou quem eram aqueles homens, não há sequer uma explicação. O trecho, a seguir, foi retirado do referido livro didático:

As expedições para o sertão foram chamadas de **entradas**(sic)ou **bandeiras**(sic). As primeiras contavam com o apoio da Coroa e as outras eram organizadas por particulares. A maioria dos aventureiros eram **mamelucos**(sic), nome dado aos filhos de portugueses com índias. Os mamelucos, que conheciam muito bem a selva e falavam tupi, partiam em busca de ouro e pedras preciosas e de indígenas, para capturá-los e vendê-los como escravos no litoral (VAINFAS *et al*, 2015, p. 62).

---

<sup>13</sup> Licenciado em História pela Universidade Federal Fluminense (1978), mestre pela mesma Universidade em História do Brasil (1983) e Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (1988). Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/hist/about/editorialTeamBio/4283>>



O trecho não traz informação à respeito da motricidade bandeirante e indígena. Destacamos a parte “[...] os mamelucos que conheciam muito a selva e falavam tupi [...]”, por considerá-la contraditória aos escritos detalhados nos subitens anteriores do presente artigo. O capítulo do livro afirma que os paulistas (na maioria mamelucos) utilizaram-se da “ajuda” dos nativos para que pudessem caminhar por entre as matas, pois não tinham conhecimento das áreas que adentravam. Sob o nosso ponto de vista, desloca o valor atribuído aos indígenas, para a segunda geração de homens, fruto dos relacionamentos entre os portugueses com as mulheres indígenas, resultante nos mamelucos.

Quanto às ilustrações, a primeira, representada na figura 1, procura evidenciar o modo como os bandeirantes se vestiam, seus equipamentos e os componentes das expedições bandeirantistas. Podemos, nela, observar indígenas realizando trabalho escravo, descalços e sem roupas; alguns à frente, direcionando a caminhada e os homens paulistas aparecem ao lado dos indígenas, representando o comando.



Figura 1. “Bandeirantes em marcha” – arte de Rodval Matias  
(VAINFAS *et al*, 2015, p. 63)

Vale destacar que os trajes dos bandeirantes não condizem com as descrições de Holanda (1976), Pacheco Neto (2008), entre outros, conforme detalhamento na página 8 deste estudo. Na figura os bandeirantes estão com botas que os protegem muito bem, ao fundo da figura se vê um deles sendo transportado por indígenas, deitado em uma rede, sem indícios de que esteja doente, mas parecendo estar usufruindo da situação proporcionada pela condição subalterna dos indígenas.

A figura 1 é de Rodval Matias, artista plástico apaixonado pela temática da história do Brasil. Hoje, está envolvido com trabalho de ilustração para livros didáticos, paradidáticos,

religiosos, CD-Rom, capas de livros e fitas de vídeo<sup>14</sup>. O artista é conhecido por pintar quadros relacionados ao Brasil Colonial, entretanto, na imagem em estudo, Rodval registrou uma expedição bandeirante contrária à realidade descrita nas referências teóricas aqui analisadas.

O livro traz ainda um pequeno *boxe*, localizado do lado direito da página 63, intitulado “A história não está sozinha: Geografia”. Este breve texto destacado no *boxe* é dedicado à expansão territorial favorecida pela exploração do sertão explicitado pela figura 2 na qual se observa os diversos caminhos percorridos por tais homens, seja em busca de metais preciosos ou no apresamento de indígenas. A distância percorrida só é possível mensurar se transportar os dados do mapa para uma pesquisa no *Google Maps*, exercício que o professor pode explorar no estudo com os alunos, conforme sugere Romanatto (2004).

I



Figura 2 “Principais bandeiras”  
(VAINFAS *et al*, 2015, p. 63)

Quanto às distâncias percorridas, ao condicionamento físico, a falta de equipamentos pelos integrantes das bandeiras, entre outros elementos constitutivos da história daquele período, não estão presentes neste capítulo do referido livro didático. Vale ressaltar que os aspectos relacionados ao mover humano, à caminhada, não são explorados, portanto, é uma lacuna a ser preenchida com pesquisas. Fato este a destacar a singular autoria do professor Manuel Pacheco Neto, um dos pioneiros neste tipo de estudo. Para este autor, o tema das caminhadas é escamoteado e duplamente escondido, pois sofre de uma sobreposição de invisibilidades, no sentido de que, tanto o indígena quanto sua motricidade fica invisível.

<sup>14</sup> Disponível em: < <http://www.rodvalmatias.com.br/>>.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Visando analisar as reflexões acerca da motricidade dos indígenas e dos bandeirantes no Brasil colonial, presentes nas bibliografias e no livro didático de História para o 8º ano do Ensino Fundamental, este trabalho trouxe diversas abordagens acerca do tema, como os diferentes significados da caminhada para indígenas e bandeirantes e reflexões acerca da motricidade destes agentes históricos, presentes em um livro didático publicado em 2015. Buscando responder à seguinte indagação: O que leva os seres humanos a atribuírem significados diferentes à caminhada, enquanto habilidade motora de locomoção?

A partir da leitura de trabalhos relacionados à historiografia do Brasil, foi observado que os personagens históricos aqui abordados – indígenas e bandeirantes – atribuíam significados diferenciados quanto às caminhadas. O que levou os bandeirantes a estas caminhadas desumanas foi a busca pelas riquezas e a busca por mão-de-obra escrava. Quanto aos indígenas, acostumados a percorrerem distâncias extenuantes, desenvolveram certas técnicas de caminhar, adquiriram resistência, eram mais fortes e experientes quanto à estas atividades.

Por sua vez, o livro didático de História estudado, sequer mencionou algo relacionado à motricidade desses personagens. Inclusive ele obscurece o protagonismo indígena, passando-o aos mamelucos.

Vale ressaltar que os estudos realizados por Farias e Pacheco Neto (2015), no período do PIBIC, com utilização de, aproximadamente, 30 livros didáticos – sendo os mesmos publicados entre os anos de 1984 à 2014 -, não houve indícios da participação dos indígenas como protagonistas das expedições bandeirantes, não foi mencionado também as distâncias percorridas por tais homens e as condições em que eles se encontravam na realização das caminhadas.

A nosso ver, o que leva os seres humanos a atribuírem significados à caminhada, no caso em estudo, além do fator sobrevivência, também há o fator econômico, a subordinação à corte, o abuso de poder do corpo humano sobre outro corpo humano. Enquanto indígenas procuravam simplesmente sobreviver em meio a natureza, os paulistas com sua ambição, buscavam manter o *status* de poder, apropriando-se de riquezas, fossem elas metais preciosos ou o trabalho escravo nos nativos que habitavam as terras do sertão.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. *Lei nº 6.001, de 19 de dezembro de 1973*. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L6001.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6001.htm). Acesso em: 09 fev.2017.
- DAVID, A. C.; ÁVILA, A. O. V. Cinética da locomoção infantil: momentos articulares durante o andar. *Revista Brasileira de Biomecânica*, São Paulo, v.2, n.2, p. 5-11, 2001.
- FARIAS, N. J. e PACHECO NETO, M. A motricidade de índios e bandeirantes nos livros didáticos publicados de 1984 a 2014. Dourados, 2015. Apresentado no *Congresso da Educação*, primeiro semestre de 2015. Disponível em: <<http://congressodeeducacaoufgd.com.br/arquivos/113.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2017.
- FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Apostila. Fortaleza: UEC, 2002.
- GALLAHUE, D.; OZMUN, J. *Compreendendo o Desenvolvimento Motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos*. 3ª ed. São Paulo: Phorte Editora, 2005.
- GÉRARD, F. M; ROEGIERS, X. *Como conceber e avaliar manuais escolares*. Portugal: Porto Codex: Porto, 1998.
- HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Novo Dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- HOLANDA, S. B. *Caminhos e Fronteiras*. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio, 1957.
- HOLANDA, S. B. *Monções*. 2 ed. il. São Paulo: Alfa Ômega, 1976.
- HOLANDA, S. B. *O Extremo Oeste*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- ISA. *Instituto Socioambiental*. Disponível em: <<https://www.socioambiental.org/pt-br>>. Acesso em: 10 fev. 2017.
- LIMA, Dag Mendonça. et al. *Tabela Brasileira de Composição de Alimentos*. Disponível em: <[https://www.unicamp.br/nepa/taco/contar/taco\\_4\\_edicao\\_ampliada\\_e\\_revisada](https://www.unicamp.br/nepa/taco/contar/taco_4_edicao_ampliada_e_revisada)>. Acesso em: 10 fev. 2017.
- MAUSS, M. *As técnicas do corpo*. São Paulo: Cosac &Naify, 2003.
- MONTEIRO, J. M. A História dos Índios na América do Sul: convergências e divergências disciplinares. Comunicação apresentada no *Seminário de História Social*, n. 25, 2º s. de 2013 Estudos de Antropologia e História Ameríndia, PUCRS, Porto Alegre, 2004.
- OLIVEIRA, F. P. *Elementos para a história de São Simão*. Ribeirão Preto: Nd, 1975.
- PACHECO NETO, M. *Heróis nos Livros Didáticos: bandeirantes e paulistas*. Dourados: Editora UFGD, 2011.
- PACHECO NETO, M. *Motricidade e Corporeidade no Brasil Colonial: bandeirantes, índios e jesuítas*. Dourados: Seriema Indústria Gráfica e Editora Ltda, 2008.
- ROMANATTO, M. *O livro didático: alcances e limites*. São Paulo, 2004. Disponível em: <[www.sbempaulista.org.br/cpem/anai/mesas-redondasmr19-mauro.doc](http://www.sbempaulista.org.br/cpem/anai/mesas-redondasmr19-mauro.doc)>. Acesso em 13 fev. 2017.
- SOUZA, D. M. Livro didático: arma pedagógica? In: Coracini, M. J. (org.). *Interpretação, autoria e legitimação do livro didático*. São Paulo: Pontes, 1999. p. 3-103.
- VAINFAS, R. et al. *História.doc - 8º ano*. Ed. São Paulo: Saraiva, 2015. P 58 – 63.

VASCONCELOS, S.D.; SOUTO, E. O livro didático de ciências no ensino fundamental: proposta de critérios para análise do conteúdo zoológico. *Ciência e Educação*, v.9, n.1, p.93-104. 2003.

VINHA, M. *Memórias do guerreiro, sonhos de atleta: jogos tradicionais e esporte entre jovens kadiwéu*. 1999. Dissertação. Universidade Federal de Campinas, São Paulo, 1999.

VOLPATO, L. *Entradas e Bandeiras*. 2ª ed. São Paulo: Global, 1986.